

# ODE PARA O FUTURO

**Silvana Maria Pessôa de Oliveira\***

“Ode para o futuro” integra o livro *Pedra Filosofal*, publicado por Jorge de Sena em 1950 e depois inserido num volume, *Poesia I (1961)*, que reúne seus primeiros livros de poesia, (*Peregrinação*, de 1942, e *Coroa da terra*, de 1946) e os imediatamente subsequentes (*As Evidências*, de 1955 e *Post-Scriptum*, de 1960). Este conjunto constitui, de acordo com as próprias palavras do poeta, no “Prefácio à segunda edição” desse volume, “uma imagem da poesia que escrevi antes de ter deixado de viver permanentemente em Portugal”.

Dividido em três seções (“Circunstância”, “Poética” e “Amor”), *Pedra Filosofal* agrupa uma expressiva sequência de sete odes, que se espriam pelas três referidas seções: há uma “Ode à mentira”, uma “Ode ao surrealismo por conta alheia”, uma “Ode à incompreensão”, uma “Ode aos plátanos”, uma “Ode ao amor” e finalmente uma “Ode ao destino”. A recorrência do uso da forma fixa chama a atenção para o fato de Sena parecer propor uma espécie de exercício poético ao valer-se do acervo de formas convencionais herdadas da tradição ocidental, em um gesto que pode atestar certo propósito classicizante posto em movimento neste livro: nele abundam madrigais, baladas, cânticos, glosas, sonetos, vilancetes, rondéis, réquiens e cantares de amigo.

Em “Ode para o futuro”, resguarda-se a atmosfera grave da ode grega, apesar de haver neste poema completa liberdade formal e cunho acentuadamente subjetivista. Com efeito, o poema compõe-se de duas grandes estrofes (separadas por dois dísticos) mutuamente contrastantes: na primeira estrofe, de sete versos, o cenário é de suavidade e harmonia, expressas pelo teor positivo da adjetivação (“crepúsculo dourado”, “frases calmas”, “gestos vagarosos”, “música suave”, “subtis sorrisos”). A forma verbal que constitui o *incipit* do poema (o verbo “falar” no futuro imperfeito)

evidencia o clima de esperança e sonho que constituirá esta primeira “moldura” apresentada. Em sentido contrário, a segunda estrofe, composta de dois versos a mais que a primeira, insiste na utilização de substantivos de carga semântica altamente negativa (“tempestade”, “desordens”, “gritos”, “violência”, “escárnio”, “prisões”, “mortes”, “lágrimas”, “luto”, “desespero”) a confirmar uma realidade de angústia, dor e melancolia em tudo diversa da ambientação “doce” e apaziguada da primeira estrofe. A intercalar as duas estrofes principais, os dois dísticos (que atuam como refrão) anunciam um porvir de sonho e de utopia (“uma angústia delida, melancólica / sobre ela sonhareis”), como a dimensionar um tempo futuro (que inclusive dá nome ao poema) e que parece sinalizar tanto um ambiente de inquietação e conflito quanto o advento de uma temporalidade utópica projetada na forma de dias melhores. Neste sentido, os dísticos, à maneira de refrãos, parecem funcionar como remissão clara às remotas origens do gênero ode bem como à sua etimologia: a palavra provém do grego *oidê*, que significa canto. Esta ode, então, é canto de um presente desencantado, mas ainda capaz de conter a esperança de que à humanidade seja possível sonhar uma “idade de ouro” não como retropia (situada no passado), mas como utopia futura, que insiste em propor modos de ser, estar e agir que sobrevenham para que o sonho possa triunfar.

A despeito de uma branda amargura passível de ser detectada na voz enunciativa, esta “Ode para o futuro” invoca a resistência – venha ela de onde vier – nitidamente expressa na estrofe final: “E, em segredo, saudosos, enlevados / falareis de nós – de nós – como de um sonho”.

Ao alternar, no poema, sonho e pesadelo, o poeta apresenta dois quadros expressivos do pós-guerra, contexto no qual o livro foi concebido, expondo uma acuidade (ética e estética) do olhar que será recorrente em sua obra, sobretudo a partir dos anos 70.

Em suma, “Ode para o futuro” constitui um notável diagrama das preocupações poéticas, literárias e sociais que fizeram com que a

monumental obra construída por Jorge de Sena ao longo de quase quatro décadas de incansável atividade se tornasse uma das mais expressivas referências da Literatura Portuguesa do século XX.

---

\* Professora Associada de Literatura Portuguesa da UFMG-Universidade Federal de Minas Gerais, ministrando cursos na Graduação e Pós-Graduação, orientando trabalhos de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado e supervisionando projetos de Pós-Doutorado. Coordena o Centro de Estudos Portugueses, onde edita a *Revista do Centro de Estudos Portugueses*. Mestre e doutora em Estudos Literários pela UFMG. Pesquisas de Pós-doutorado na Universidade de Lisboa e na Universidade Federal Fluminense.